

arq. ptinfct2

### **Cota é reserva de mercado?!**

Para entender a atual política de cotas, vamos recordar a política de cotas que estava sendo empregada no partido desde a sua fundação.

Nos primeiros anos da construção partidária, ficava reservada uma cota mínima de 90% de homens nas direções. Essa cota mínima cresceu e se estabilizou em torno de 95%. Isto é, o PT mantinha uma "reserva de mercado" de 95% dos cargos de direção para os homens.

Obviamente, a esmagadora maioria masculina estabelecia critérios da prática masculina para a renovação de direções, reservava as oportunidades de formação quase que exclusivamente para os homens, reproduzindo sempre a mesma cota. Funcionava tão bem que não era preciso garantir essa cota no regimento.

Esse procedimento de reserva de mercado de direções para os homens não tem novidade nenhuma. É o mesmo que é utilizado em todos os outros partidos, no Brasil, em outros países, e em praticamente todos os espaços sociais.

A regra não é escrita nem reivindicada abertamente pelos homens, mas é seguida religiosamente. Por isso, a cota absurdamente alta de 95% não parece reserva de mercado. Parece "natural". Na nossa

cultura é tão "natural" homem mandar em tudo, principalmente na política, que uma reserva de mercado de 95% também parece "natural". É isso que nós mulheres chamamos de naturalização do poder masculino. A usurpação do direito de outras pessoas passa por merecimento natural.

Diante dessa "reserva" escandalosa nós podemos fazer três coisas: deixar como está para ver como é que fica, mandar as mulheres se esforçarem mais para "merecer" mais cargos, reconhecer os mecanismos de exclusão das mulheres medidas efetivas, como as cotas, para reverter o quadro de imediato.

A primeira opção é conservadora e preguiçosa. Não quer procurar entender as raízes da questão, não quer enfrentamento. O resultado vai ser tudo ficar como está, que é o projeto dos conservadores.

A segunda opção parte de duas crenças ingênuas e de uma boa pitada de cinismo.

A primeira crença ingênuas é a de que as mulheres até agora não têm mais cargos nas direções porque não se esforçam bastante. A aplicação das cotas serviu para demonstrar o contrário: foram para as direções mulheres tão qualificadas quanto os homens, algumas com tamanha história de dedicação ao partido e competência (nas urnas, inclusive), que não dava mesmo para entender como é que ainda não estavam nas direções. Na realidade, o motivo pelo qual as mulheres não estavam nas direções era a reserva de mercado de 95% que os próprios homens se encarregaram de cumprir.

A segunda crença ingênuas é a de que as avaliações para entrada

nas direções estavam sendo feitas apenas com base no merecimento. Na verdade, centenas de vezes entre um companheiro e uma companheira de igual valor se escolhia um homem porque era homem (condição de nascença) e não por merecimento diferenciado. Os companheiros que reconheceram esse mecanismo de exclusão das mulheres foram os que ajudaram as defensoras das cotas a aprovar a resolução. Sem reconhecer isso, fica difícil compreender os 95%.

A pitada de cinismo fica por conta de todos e todas que se lembram muito bem dessas decisões em que se privilegia companheiros homens apenas por serem homens, mas que não querem as cotas porque não aceitam abrir mão do monopólio masculino do poder.

3343 caracteres

Sábado:

9h às 12hs - Política do Estado - Vera

12h às 13hs - Os Ps e a crise - Cr. Ber / Carlos Eduardo

15h às 17hs - Saúde - CB / Maridete /

17h às 19hs - Organismo articulador da  
políticas de jovens  
(?)